

# Enigmas da Modernidade- Mundo

**Octavio Ianni**

**CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA**  
Rio de Janeiro  
2000

## **CAPÍTULO X Estilos de pensamento**

Se falamos de linguagem e tempos modernos, estamos falando de modernidade e pós-modernidade. Seriam duas formas de pensar, sentir, agir, imaginar e narrar que se expressam de modo particularmente diverso e nítido em textos de escritores, cientistas sociais e filósofos. Dois "estilos de pensamento" expressos em duas modalidades às vezes radicalmente distintas de narrativas. É o que se torna particularmente evidente se confrontamos as narrativas de Maquiavel e Shakespeare, ou Rousseau e Goethe, por um lado, e as narrativas de Wittgenstein, Kafka, Benjamin e Beckett por outro. Independentemente das peculiaridades e originalidades narrativas de cada um, pode-se afirmar que correspondem a estilos de pensamento diversos. Podem ser indicativos de visões de mundo distintas. Expressam, sintetizam e constituem possibilidades diferentes de compreender, explicar ou imaginar as articulações e os movimentos possíveis das coisas, gentes e idéias.

No âmbito da modernidade, a linguagem desempenha um papel especial. Confere nome, qualifica, quantifica, enfatiza, compreende, interpreta, reproduz e traduz o significado das realidades, prosaicas ou excepcionais, visíveis ou imaginárias, presentes, pretéritas ou futuras. Em todos os casos, a linguagem da modernidade supõe a representação, a mimesis, em termos que podem ser clássicos, românticos, realistas, naturalistas, simbolistas ou expressionistas. Mas sempre está em causa algum compromisso com a representação da realidade prosaica ou imaginária, em termos literários, científicos ou filosóficos.

No âmbito da *pós-modernidade*, que se desenvolve cada vez mais desde fins do século XIX, intensificando-se e generalizando-se no curso do século XX, a linguagem como que se descola do real, liberta-se da idéia ou ilusão da representação, abandonando a mimesis. Essa é a época em que se inicia, intensifica e generaliza o "giro lingüístico": A partir do giro lingüístico, a linguagem parece tornar-se independente, revelando-se eletrônica, informática, cibernética; ou estrutural, sistêmica, semiótica.

É possível reconhecer que modernidade e pós-modernidade são dois estilos de pensamento e narrativa. Envolvem duas formas distintas de conceber, pensar, simbolizar e narrar. Estão presentes na maioria das narrativas literárias, de ciências sociais e filosóficas. É claro que essas

modalidades de narrar divergem entre si; mesmo porque a literatura prioriza figuras e figurações, ou metonímias, metáforas e alegorias, ou a compreensão; ao passo que as ciências sociais priorizam conceitos e leis, relações, processos e estruturas, nexos e tensões, ou a explicação. Algo semelhante pode ser dito da filosofia, na qual predominam categorias de pensamento, questões de epistemologia, lógica e metafísica. Mas é possível reconhecer que as narrações literárias, científicas e filosóficas construídas no espírito da modernidade guardam algum compromisso com a representação ou mimesis. Ao passo que, no espírito da pós-modernidade, as narrações se soltam no âmbito dos signos, símbolos, figuras e figurações lingüísticos, ou estruturais, semióticos, desconstrutivos, alheios à representação ou mimesis, soltos na imaginação.

É provável que o modo de pensar e narrar próprio da modernidade seja principalmente o "estilo romântico". Desde os seus primórdios, com Maquiavel e Shakespeare, ou Bacon e Cervantes, o que está em causa é uma visão mais ou menos romântica do mundo. Em escala crescente, uns e outros acreditam ou intuem que o mundo pode ser conhecido; a realidade pode ser explicada; a razão tende a governar o indivíduo; o público se distingue do privado, assim como a política e a religião; o esclarecimento em geral é possível e a emancipação é realizável; o progresso, a evolução e a modernização seriam realizações da modernidade, abertas à humanidade. Algumas dúvidas sobre essas possibilidades, conquistas ou ideais desafiam e perturbam as convicções, mas ajudam a enriquecer e desenvolver o modo romântico de ser, pensar, sentir, agir, explicar, compreender, imaginar e narrar. É o que se pode observar nos escritos de Rousseau, Herder e Goethe, entre muitos outros. Tanto Fausto como Mefistófeles são figuras e figurações da Ilustração, simbolizando muito do que tem sido a modernidade. Daí para diante entram em cena Spencer, Ricardo, Comte, Marx, Balzac, Manzoni, Dickens, Poe, Durkheim, Renan, Tolstoi, Sarmiento e outros. É claro que esse romantismo leva de permeio realismo e naturalismo, como simbolismo e expressionismo; mas subsiste a convicção, a ilusão ou o ceticismo referido às possibilidades da emancipação.

"O homem moderno e a civilização contemporânea são inconcebíveis sem o ingrediente romântico. O tipo clássico - de acordo com Goethe, ele próprio um romântico involuntário - contentava-se com alcançar a

antecâmara da verdade sagrada; o homem moderno, por outro lado, sente ânsia obcecante por auto-expressão autêntica e uma necessidade faustiana de penetrar no coração do mais recôndito mistério de tudo e do todo. Igualmente românticas na origem são a eterna rebeldia do descontente e do resignado, e a afetuosa auto-identificação dos espíritos prometéicos com a alma coletiva do universo, da natureza, da história, da nação, da Igreja, da classe e da revolução."<sup>1</sup>

É possível dizer que o modo de pensar e narrar no clima da pós-modernidade tem sido impressionista, expressionista, dadaísta, futurista, surrealista. Em diferentes gradações, a maioria das narrativas e outras criações da pós-modernidade carregam consigo algo de paroxístico, fragmentário, descontínuo, desenraizado, desterritorializado. Tende para o descolamento, a isenção, o virtual, o simulacro, a desconstrução. Pode haver ressonâncias do que seria a realidade, mas como alusões irônicas, carnalizadas; ou como reminiscências do inconsciente. Muitas vezes, o logos é satanizado com base na razão. O romântico pode ser lírico, dramático ou épico. São modalidades de narrativas construídas com base na intuição, ciência ou implicação de que a representação ou mimesis é possível, realizável. São diferentes caminhos da travessia característica da maioria das narrativas, em busca do esclarecimento, compreensão, explicação, articulação, emancipação. Há sempre algo de realista na narrativa romântica própria dos tempos modernos.

É muito sintomático que uma parte importante das narrativas características da pós-modernidade não tenha qualquer compromisso com continuidade ou descontinuidade, parte ou todo, passado ou presente, próximo ou remoto. "Narra-se" de modo aforístico, epigramático, fragmentário ou errático. Carrega-se na montagem, colagem, mixagem, bricolagem, desconstrução, simulacro, virtual. O que já havia sido esboçado em escritos de Nietzsche parece generalizar-se no século XX em escritos de Wittgenstein, Karl Kraus, Kafka, Bataille, Joyce, Pound, Musil, Beckett e outros.

Talvez se possa afirmar que a época da transição da modernidade à pós-modernidade seja, simultaneamente, a época do declínio do estilo romântico do pensamento. Se podemos admitir que a modernidade

---

<sup>1</sup> J. L. Talmon, *Romantismo e revolta* (Europa 1815-1848), trad. de Tomé Santos Junior, Editorial Verbo, Lisboa, 1967, p. 165.

implica o compromisso com a razão e a emancipação, compreendendo formas de sociabilidade, jogos de forças sociais, configurações histórico-sociais de vida, trabalho e cultura, então cabe reconhecer que o estilo romântico predominante na filosofia, ciências sociais e artes entra em crise. Alteram-se as condições e as possibilidades dos indivíduos e das coletividades, no que se refere aos contrapontos e economia e sociedade, Estado e sociedade civil, trabalho e capital, política a religião, democracia e tirania, liberdade e igualdade, público e privado, soberania e hegemonia, cultura e mentalidade, identidade e alteridade, diversidade e desigualdade, indivíduo e humanidade. As próprias utopias da modernidade entram em crise, ou são esquecidas: liberdade, igualdade e fraternidade; governo do povo, para o povo e pelo povo; revolução e redenção; trabalho e desalienação; solidariedade e humanidade. Se aceitamos que estes são signos, símbolos e emblemas, ou figuras e figurasções, da modernidade, envolvendo o estilo de pensamento e vida idealizado pelo romantismo, então, sim, pode-se afirmar que o mundo romântico está em declínio. É toda uma visão do mundo que cede espaços cada vez mais amplos ao pragmatismo, à organização sistêmica, à razão instrumental, que também nasceram com a modernidade, quando predominou a idéia de razão crítica.<sup>2</sup> É claro que alguns, ou muitos, elementos da modernidade subsistem na linguagem da pós-modernidade. A transição tende a ser contraditória, desigual, abrupta ou lenta. Além do mais, há os descompassos das gerações. Há sempre os nostálgicos. A não-contemporaneidade continua a ser um componente dinâmico e obviamente surpreendente dos movimentos da história. Mas os significados dos signos, símbolos e emblemas, compreendendo figuras e figurasções, da modernidade, podem ser totalmente outros se estiverem presentes nos tempos e nas linguagens da pós-modernidade. Continua-se a falar em democracia e cidadania, por exemplo, mas em

---

<sup>2</sup> Jürgen Habermas, *El discurso filosófico de la modernidad*, nado de Manuel Jiménez Redondo, Taurus, Madri, 1989; David Harvey, *Condição pós-moderna*, trad. de Adail U. Sobral e Maria S. Gonçalves, Edições Loyola, São Paulo, 1992; Marshall Berman, *Tudo que é sólido desmancha no ar*, trad. de Carlos Felipe Moisés e Ana Maria L. Ioriatti, Companhia das Letras, São Paulo, 1986; Jean-François Lyotard, *O pós-moderno*, trad. de Ricardo Corrêa Barbosa, José Olympio, Rio de Janeiro, 1986.

termos de mercado, individualismo possessivo, escolha racional, consumo, cartão magnético, internet. A liberdade e a igualdade, mais do que nunca, são faculdades de proprietários de capital, tecnologia e força de trabalho, ou dos seus múltiplos arranjos em âmbito nacional, regional e mundial. São faculdades de que dispõem os indivíduos para se manifestar, circular ou situar no mercado local, nacional, regional e mundial. A "realidade virtual" torna-se não só substituta ou sucedânea da experiência, mas crescentemente se descola da experiência, de tal modo que indivíduos e coletividades carecem de condições histórico-sociais para elaborar sua presença e atividade no jogo das forças sociais. Sim, este é o paradoxo: no clima da pós-modernidade, de par com a descontinuidade, a fragmentação e o pequeno relato presentes em algumas linguagens, floresce a teoria sistêmica e a razão instrumental, articulando coisas, gente e idéias, em escala local, nacional, regional e mundial.

No curso da complexa e tensa travessia da modernidade à pós-modernidade, modifica-se o sentido da língua. A pós-modernidade inaugura outras noções sobre língua e fala, sintaxe e semântica, sincronia e diacronia, som e sentido, palavra e imagem, autor e leitor, texto e contexto. Trata-se de uma travessia que acena para a terceira margem do rio, envolvendo implicações ontológicas e epistemológicas. Vale a pena reconhecer que o clima cultural e imaginário da pós-modernidade propicia o reflorescimento da "imagem". Esta é uma linguagem presente em toda história dos povos, impregnando amplamente as mais diversas criações culturais de uns e outros. Ela adquire novos significados quando a literatura, as ciências sociais e a filosofia são alcançadas pelos desafios da pós-modernidade. No século XX, e crescentemente no curso do seu desenvolvimento, a imagem adquire presença e proeminência.

Aliás, no que se refere à modernidade e à pós-modernidade, cabe reconhecer que a imagem tem sido uma linguagem importante e, muitas vezes, essencial no que se refere a comunicação, informação e entretenimento. Sob todas as suas formas, a imagem adquire importância crescente no mundo da cultura, além da que possui nas artes plásticas. O mundo do cinema, teatro, cultura de massa, indústria cultural mídia impressa e eletrônica, visto em conjunto e em suas influências recíprocas e múltiplas, esse é um mundo no qual sobressai a profusão caleidoscópica da imagem. À medida que se desenvolve a imprensa, compreendendo jornais, revistas e livros, a palavra impressa

é crescentemente acompanhada pela imagem. São desenhos, gravuras, litografias e pinturas que ilustram, ampliam, aprofundam ou facilitam a comunicação, informação e entretenimento. Esse é um processo que se intensifica com a fotografia e a cinematografia, além dos desenvolvimentos das técnicas de impressão, nas quais se incorporam possibilidades cada vez mais sofisticadas de ilustração. Trata-se de um processo que adquire desenvolvimentos excepcionais na segunda metade do século XX, quando as tecnologias eletrônicas, informáticas e cibernéticas são sintetizadas e agilizadas na televisão, computador, internet e outras produções, transbordando para a mídia em geral, cinema, teatro, escola, igreja e outros espaços socioculturais.

Em poucas décadas, no fim do século XX, muitos, em todo o mundo, são levados a sentir, agir, pensar e fabular como se a realidade fosse principalmente, ou exclusivamente, virtual. Aos poucos, muitos parecem desligar-se da "experiência", como fundamento do modo de ser, e da "palavra", como meio essencial de comunicação, informação, reflexão, compreensão, explicação e fabulação. Eles se jogam e são jogados na "realidade virtual", como outra forma de experiência ou um mundo no qual se pode prescindir da experiência. Aí tudo pode ser principalmente imagem, colorida, sonorizada, suave, impactante, fascinante, brutal, horripilante e estetizante. Esse é o clima em que florescem a montagem, a colagem, a mixagem, a bricolagem, a desconstrução, o simulacro, a paródia, a carnavalização. Em pouco tempo, a "estética" do videoclipe transborda da televisão e do marketing, para todos os outros meios de comunicação, do cinema ao jornal, da escola à igreja, do show de música popular à Copa do Mundo, dos conflitos sociais às guerras.

Em geral, no entanto, a imagem predomina na cultura de massa, na cultura transnacional-popular e na indústria cultural. Esse é o âmbito da cultura no qual a palavra impressa e falada precisa disputar com a imagem enquanto meio de comunicação, informação e entretenimento; sem esquecer seus usos no que se refere à compreensão, reflexão, introspecção e fantasia. Além das diferenças mais ou menos óbvias entre a palavra e a imagem, como emblemas de linguagens diferentes, cabe reconhecer que as diferenças podem acentuar-se quando se trata de experiência, existência, formas de sociabilidade e jogos de forças sociais, ou modos de ser, sentir, pensar, agir, compreender, explicar e fabular. Sim, a imagem guarda uma relação muito especial, com o que expressa,

o que se torna um pouco mais evidente quando se a compara com a palavra: Torre de Babel, Muralha da China, Bíblia, Alcorão, O Príncipe, Fausto, Revolução Industrial, revolução soviética, realidade virtual, aldeia global, desterritorialização, terra-pátria.

A verdade é que também a pós-modernidade depende da palavra, língua, discurso, texto, relato ou narrativa, inclusive no seu empenho de redefinir ou, em alguns casos, negar a importância do conceito, categoria, explicação ou teoria. Aliás, vale a pena prestar atenção no empenho e sofisticação de algumas narrativas pós-modernas, nas quais se procura desconstruir não só conceitos, categorias, explicações e teorias, mas também ontologias e epistemologias criados com a modernidade. Todos passam pela palavra, língua e narrativa, signo, símbolos e emblemas, figuras e figurações de linguagem, mesmo quando se trata de reinventá-los ou, também, negá-los.

Sob o signo da pós-modernidade, quando se desenvolve o "giro lingüístico", discutem-se e modificam-se mais ou menos radicalmente as formas de pensamento e narração nascidas com a modernidade. São postos em causa a filosofia da consciência, o autor, o sujeito, ao mesmo tempo em que se reiteram e enfatizam dúvidas sobre as possibilidades de se conhecer o objeto, a realidade. Muito do que pode ser a filosofia da consciência e a ciência social é visto como discurso, texto, sistema de signos ou estrutura inconsciente, sonho, devaneio ou mito, pondo-se em causa o logos, a metafísica, a epistemologia, a teoria, a explicação, o relato "especulativo" e o relato de "emancipação". São formas de pensamento suscetíveis de hermenêutica, exegese, desconstrução.

Muito do que foi ou teria sido a modernidade, fundada na razão, esclarecimento, ilustração e especulação, compreendendo as condições e as possibilidades da consciência, autoconsciência, ação, organização, transformação, revolução ou emancipação, tudo isso se questiona, reformula ou dissolve em arqueologias, *epistême*, desconstruções, simulacros, bricolagens. Coloca-se em dúvida, ou simplesmente de lado, toda e qualquer preocupação com a origem, a formação e a história, ou a travessia de uma configuração a outra. O que poderia ser configuração não é senão discurso, mais ou menos intrincado.

"Gênese, continuidade, totalização: eis os grandes temas da história das idéias e por onde ela se liga a uma certa forma, hoje tradicional, de análise histórica ... Ora, a descrição arqueológica é precisamente abandono da história das idéias, recusa sistemática de seus postulados e de seus procedimentos, tentativa de fazer uma história inteiramente

diferente daquilo que os homens disseram ... A arqueologia busca definir não os pensamentos, as representações, as imagens, os temas, as obsessões que se ocultam ou se manifestam nos discursos; mas os próprios discursos enquanto práticas que obedecem a regras ... A arqueologia não é ordenada pela figura soberana da obra ... A obra não é para ela um recorte pertinente, mesmo se se tratasse de recolocá-la em seu contexto global ou na rede das causalidades que a sustentam. Ela define tipos e regras de práticas discursivas que atravessam outras individuais, que, às vezes, as comandam inteiramente e as dominam sem que nada lhes escape; mas de que, às vezes também, só regem uma parte. A instância do sujeito criador, enquanto razão de ser de uma obra e princípio de sua unidade, é estranho a ela."<sup>3</sup>

"Eu definiria *epistême* como o dispositivo estratégico que permite escolher, entre os enunciados possíveis, aqueles que poderão ser aceitáveis no interior, não digo de uma teoria científica, mas de um campo de cientificidade, e a respeito de que se poderá dizer: é falso, é verdadeiro. É o dispositivo que permite separar não o verdadeiro do falso, mas o inqualificável cientificamente do qualificável."<sup>4</sup>

Vários elementos e suas articulações, que pareciam importantes em termos de modernidade, são questionados e abandonados. O discurso é tomado como o sistema de signos a ser deslindado, sem referência a sujeito ou objeto, representação, tema ou história. O desafio é desconstruir o discurso, *ad infinitum*.

"Efetivamente, o que parece mais sedutor nesta pesquisa crítica de um novo estatuto (da atividade da bricolagem) é o abandono declarado de toda referência a um centro, a um sujeito, a uma referência privilegiada, a uma origem ou a uma 'arquia' absoluta."<sup>5</sup>

---

<sup>3</sup> Michel Foucault, *A arqueologia do saber*, trad. de Luiz Felipe Baeta Neves. Vozes, Petrópolis, 1972, pp. 170, 171 e 172.

<sup>4</sup> Michel Foucault, *Microfísica do poder*, org. e trad. de Roberto Machado, Graal, Rio de Janeiro, 1979, p. 247.

<sup>5</sup> Jacques Derrida, *A escritura e a diferença*, trad. de Maria Beatriz e Marques Nizza da Silva, Perspectiva, São Paulo, 1971, p. 240. A propósito de desconstrução, consultar também: Jacques Derrida, *A farmácia de platão*, trad. de Rogério Costa, 2ª ed., Iluminuras, São Paulo, 1997.

O ceticismo sobre as formas de saber e do saber alcançadas no curso dos tempos modernos não só põe em causa o conceito, a explicação, a historicidade e a totalidade, mas também a própria narrativa, ou texto, discurso, em que se elaboram aquelas e outras idéias. O pensamento e o saber, as teses e as teorias, as hipóteses e as explicações podem ser classificadas principalmente como discursos, tomados em si como sistemas de signos. Desde que as narrativas ou os textos de filosofia e ciências sociais se classificam como discursos, no sentido de que podem e devem ser vistos em si, descolados de outras referências, desenvolve-se o argumento de que o discurso pode estar prefigurado, delimitado por antecipação, vigiado pelos parâmetros em que se abriga e obriga.

"Suponho que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade. ( ... ) Ninguém entrará na ordem do discurso se não satisfizer certas exigências ou se não for, de início, qualificado para fazê-lo. Mais precisamente: nem todas as regiões do discurso são igualmente abertas e penetráveis; algumas são altamente proibidas (diferenciadas e diferenciantes), enquanto outras parecem quase abertas a todos os ventos e postas, sem restrição prévia, à disposição de cada sujeito que fala."<sup>6</sup>

Sob a pós-modernidade, são freqüentes os discursos nos quais se dissolvem as narrativas da modernidade, tanto de "especulação" como de "emancipação". Por meio de um uso muito especial da hermenêutica, da redução fenomenológica, do estruturalismo e da semiótica, dissolvem-se conceitos, categorias, teorias e explicações, simultaneamente aos contrapontos sujeito e objeto do conhecimento,

---

<sup>6</sup> Michel Foucault, *A ordem do discurso*, trad. de Laura F. de Almeida Sampaio, Edições Loyola, São Paulo, 1996, pp. 8-9 e 37. Consultar também: Jean-François Lyotard, *O pós-moderno*, trad. de Ricardo Corrêa Barbosa, José Olympio, Rio de Janeiro, 1986; Hayden White, *Meta-história*, trad. de José Laurenio de Melo, Edusp, São Paulo, 1992; Gianni Vattimo, *O fim da modernidade*, trad. de Maria de Fátima Boavida, Editorial Presença, Lisboa, 1987.

palavra e coisa, racional e real. Privilegia-se o discurso ou texto enquanto sistema de signos, tomado em sua singularidade e autonomia.

"A linguagem pode tornar-se autônoma (no lugar da subjetividade) assumindo forma de destino epocal do ser, do delírio dos significantes, da concorrência de repressão dos discursos, ao ponto de se diluírem - na corrente de um evento textual geral (administrado indistintamente por pensadores e poetas) - as fronteiras entre o significado textual e metafórico, entre a lógica e a retórica, entre a fala séria e a fictícia; mas para isso é preciso que todas as conotações da autoconsciência, autodeterminação e auto-realização tenham sido expulsas dos conceitos básicos da filosofia. ( ... ) Esse movimento de pensamento anulou de tal modo os vestígios da subjetividade transcendental, a ponto de arrastar com ela o sistema de referência com o mundo, de perspectivas de falantes e de pretensões de validade inerentes à própria comunicação lingüística. Ora, sem esse sistema de referência torna-se impossível e, inclusive, sem sentido a distinção entre níveis diferentes de realidade, entre ficção e realidade, entre prática cotidiana e experiência extraordinária, entre os correspondentes tipos de textos e gêneros. A própria morada do ser é arrastada para o torvelinho de uma tormenta de linguagem desordenada." <sup>7</sup>

Uma das realizações das formas de pensamento da pós-modernidade é transformar a filosofia e a ciência em "literatura" ou "escrita". Assim, a linguagem empenhada na construção de conceito aparece como linguagem eivada de metáforas. Realiza-se a metamorfose da narrativa filosófica, ou científica, em narrativa literária, plena e florescente de imagens, figuras e figurações.

"Se a literatura proporciona o modelo para um texto universal, não superável, no qual em última instância se dissolvem todas as diferenças de gênero, não pode ser possível distingui-la de outros discursos como

---

<sup>7</sup> Jürgen Habermas, *Pensamento pós-metafísico*, trad. de Flávio Beno Siebeneichler, Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, 1990, pp. 237 e 239-240. Consultar também: Fredric Jameson, *As sementes do tempo*, trad. de José Rubens Siqueira, Ática, São Paulo, 1997; Paolo Rossi, *Paragone degli ingegni moderni e postmoderni*, Il Mulino, Bolonha, 1989.

domínio autônomo de ficção. ( ... ) À medida que a função poética, a função que tem a linguagem de abrir mundo, adquire primazia e força estruturalmente determinante, a linguagem escapa às restrições estruturais e às funções comunicativas da vida cotidiana. O espaço de ficção que se abre quando as formas lingüísticas de expressão se tornam reflexivas é resultado da neutralização da capacidade que os atos ilocutórios possuem de estabelecer vínculos e de neutralização das idealizações que tornam possível um uso da linguagem orientado ao entendimento; e, assim, de uma coordenação de planos de ação centrada no reconhecimento intersubjetivo de exigências de validade suscetíveis de crítica." <sup>8</sup>

Está em curso uma paradoxal estetização da linguagem, simultaneamente à dissolução das formas de pensamento, de saber e do saber. Em lugar do conceito e da categoria, a metáfora e a alegoria. Em vez da reflexão para construir o conceito e a explicação, o discurso orientado para desconstruir e dissolver o conceito e a explicação, isto é, o logos. Em substituição ao desafio e mistério do "objeto" do conhecimento, o empenho em abandoná-lo, como impossibilidade ou ilusão. Em lugar do privilégio do "sujeito" do conhecimento, compreendendo a filosofia da consciência, o relato especulativo, a busca do esclarecimento, a possibilidade da emancipação, coloca-se o privilégio do discurso, texto, sistema de signos; uma espécie de nebulosa, misteriosa, a ser continuamente interrogada por iniciados em arqueologia, desconstrução ou bricolagem.

"Um dos problemas mais difíceis, para os filósofos, é descer do mundo do pensamento ao mundo real. A realidade imediata do pensamento é a linguagem. Assim como os filósofos proclamaram a independência do pensamento, tiveram de proclamar também a linguagem como um reino à parte e soberano. Nisto reside o segredo da linguagem filosófica, na qual os pensamentos encerram, como palavras, um conteúdo próprio. O problema de descer do mundo dos pensamentos ao mundo real converte-se, assim, no problema de descer da linguagem à vida. Conforme sabemos, a substantivação dos pensamentos e das idéias é uma consequência da substantivação das condições e das relações pessoais dos indivíduos. E sabemos, também, que o fato de que os

---

<sup>8</sup> Jürgen Habermas, *El discurso filosófico de la modernidad*, cit., pp. 241 e 246-247; *O discurso filosófico da modernidade*, trad. de Ana Maria Bernardo e outros, Publicações Dom Quixote, Lisboa, 1990, pp. 190 e 194.

ideólogos e os filósofos se ocupam sistematicamente e de um modo exclusivo destes pensamentos é uma consequência da divisão do trabalho ... Os filósofos não teriam senão de reduzir sua linguagem à linguagem corrente, da qual se abstraem, para dar-se conta e reconhecer que nem os pensamentos nem a linguagem formam por si mesmos um reino à parte, mas que são simplesmente expressões da vida real." <sup>9</sup>

Vale a pena observar que boa parte do pensamento pós-moderno critica ou simplesmente nega o grande relato, o holismo metodológico ou a macroteoria como formas totalizantes e arbitrarias de conhecimento; expressões de um logocentrismo preestabelecido, delimitado ou asfixiante. Essas seriam heranças ou influências negativas ou inócuas da modernidade. Entretanto, o mesmo pensamento da pós-modernidade acaba por afirmar-se e impor-se como abrangente, grande teoria globalizante.

"Ainda que tenham formulado argumentos para repudiar atividades de teorização, ao mesmo tempo viram-se imersos, evidentemente, na teorização. Não se pode negar que Foucault formulou uma opinião geral sobre a natureza do conhecimento; que Wittgenstein nos deixou uma relação abstrata do significado e do entendimento; que Feyerabend tem um método preferido, quase popperiano, para julgar as hipóteses científicas; e que Derrida pressupõe a possibilidade de construir interpretações quando nos diz que nossa próxima tarefa deve ser a de desconstruí-las ... Demonstrem encontrar-se entre os maiores teóricos da atualidade, para um espectro amplo de disciplinas sociais." <sup>10</sup>

"A desconstrução é teórica. É, para ser exato, uma meta teoria que apresente uma pesquisa e uma crítica teóricas de todas as teorias do significado e dos modelos de compreensão existentes." <sup>11</sup>

Vale a pena refletir um pouco sobre o contraponto modernidade e pós-modernidade, tendo-se em conta a negação de uma modalidade de grande teoria, de modo a substituí-la por outra modalidade de grande

teoria. Sim, o discurso da pós-modernidade nega e afirma-se como tal. Trata-se de uma grande teoria diferente, alternativa, envolvendo talvez outras bases epistemológicas. Nesse sentido, o discurso da pós-modernidade visa a instituir um "novo paradigma" em substituição ao da modernidade. Critica algumas categorias nucleares do paradigma da modernidade, combatendo o que seria sua perspectiva preestabelecida, sua busca de articulações significativas, seu caráter abrangente ou globalizante, compreendendo a busca de esclarecimentos e as hipóteses de emancipação. Simultaneamente, institui as suas categorias nucleares de descontinuidade, fragmentação, diferença, epistême, bricolagem, desconstrução, logos, discurso e outras. Parece levar as possibilidades da razão crítica a limites desconhecidos, ao paroxismo, com o empenho deliberado de demonstrar o esgotamento dessa mesma razão crítica. Enquanto isso, a "realidade" que se nega, menospreza ou desconhece parece organizar-se cada vez mais nos moldes da razão instrumental. No mesmo clima em que o pensamento da pós-modernidade repudia a historicidade embutida na modernidade, sofisticou-se a teoria e a prática da organização sistêmica da sociedade, enquanto visão a-histórica do mundo.

Aqui, novamente, cabe reconhecer que uma parte importante do contraponto modernidade e pós-modernidade diz respeito à linguagem, compreendendo pensamento e linguagem, ou melhor, compreendendo pensamento, linguagem e realidade, em suas múltiplas articulações. Talvez seja por isso que modernidade e pós-modernidade tanto parecem polarizar-se como mesclar-se; simultaneamente distinguem-se e fundem-se. Seriam estilos de pensamento e narração distintos, mas reciprocamente referidos, determinados, nos quais se expressam as inquietações de uns e outros, em todo o mundo, no sentido de taquigrafar, codificar, esclarecer, compreender, explicar, imaginar ou mitificar o que há de complexo, contraditório, opaco ou infinito na realidade, nebulosa misteriosa.

Talvez se possa afirmar, em outra entonação, que toda narrativa, seja ela da modernidade ou pós-modernidade, busca a possibilidade de tornar-se não só meta narrativa, mas apresentar-se também como o primeiro e único livro, primordial e seminal, a partir do qual todos os outros, presentes, futuros e passados, deveriam ser vistos apenas como adendos, prólogos, episódios, comentários, fragmentos.

Vista em suas configurações sucessivas e simultâneas, no âmbito das formas de sociabilidade e dos jogos das forças sociais, ou das

---

<sup>9</sup> Karl Marx e Friedrich Engels, *La ideología alemana*, trad. de Wenceslao Roces, Ediciones Pueblos Unidos, Montevideo, 1958, pp. 506-507.

<sup>10</sup> Quentin Skinner, *El retomo de la gran teoría en las ciencias humanas*, uad. de Consuelo Vázquez de Parga, Alianza Editorial, Madrid, 1988, p. 23.

<sup>11</sup> George Sreiner, *Presencias reales (Hay algo en lo que decimos?)*, trad. de Juan Gabriel López Guix, Ediciones Destino, Barcelona, 1991, p. 145.

configurações histórico-sociais de vida, trabalho e cultura, a língua com frequência adquire contornos e movimentos de visão de mundo. Sua gramática e seu vocabulário, bem como suas regras de sintaxe e semântica, envolvendo cânones de narrativas literárias, científicas e filosóficas, sem esquecer as distinções entre o erudito e o popular, o jurídico e o jornalístico, o parlamentar e o demagógico, todos esses são parâmetros pelos quais se estabelece dada postura em face da realidade social, em seus diferentes aspectos. O conjunto dos signos, símbolos e emblemas, bem como das figuras e figurações de linguagem, que se encontram mais ou menos codificados e aceitos, tudo isso tende a adquirir os contornos de uma concepção da realidade, um modo de perceber ou imaginar a sociedade. Sem esquecer que a visão de mundo delineada na língua não é isenta de tensões, hiatos ou contradições, já que leva consigo algo ou muito do jogo das forças sociais, compreendendo disparidades e desigualdades. Em geral, a visão de mundo predominante em dada língua e em dada época pouco expressa do que se pode considerar a perspectiva de grupos sociais e classes sociais subalternos. Os subalternos, para se manifestarem e revelarem as suas visões alternativas ou não, precisam apropriar-se não só das formas mas também dos segredos da linguagem dominante.

"A língua deveria ser tratada como uma concepção do mundo, como a expressão de uma concepção do mundo. O aperfeiçoamento técnico da expressão, seja quantitativo (aquisição de novos meios de expressão) seja qualitativo (aquisição dos matizes de significado e de uma ordem sintática e estilística mais complexa), significa uma ampliação e um aprofundamento das concepções do mundo e da sua história." <sup>12</sup>

Quando vista principalmente em suas articulações estabelecidas, em seus cânones mais ou menos oficializados, a língua parece uma cartografia, portulano, mapa ou, mais propriamente, Atlas. Aí tudo parece situado, organizado e articulado conforme uma concepção funcional, orgânica ou sistêmica. É o que se registra no dicionário, na gramática, na antologia e em outros livros destinados a transmitir códigos e cânones de geração a geração, de uns a outros setores sociais. Esse o Atlas no qual se situam as coisas, as pessoas e as idéias, o céu e a terra, deus e o diabo, o dominante e o subalterno, o presente, o passado e o futuro, o permitido e o proibido, o dito e a desdita.

---

<sup>12</sup> Antonio Gramsci, *La formazione dell'uomo*, organizado por Giovanni Urbani, Editori Riuniti, Roma, 1974, p. 515. Cito de "Lingua letteraria e dialetti in Italia".

"Mas tudo que vejo nas ruas da cidade já ocupa um lugar no modelo da informação homogeneizada. Este mundo que vejo, este que costumamos reconhecer como o mundo, se apresenta a meus olhos - pelo menos em grande parte - já definido, rotulado, catalogado. É um mundo já conquistado, colonizado por palavras, um mundo com uma pesada crosta de discurso. Os fatos de nossas vidas já estão classificados, julgados, comentados, antes mesmo de ocorrerem. Vivemos num mundo onde tudo já foi lido antes mesmo de existir." <sup>13</sup>

Não se trata, no entanto, de uma visão de mundo uniforme, única. Além das harmonias, há diversidades, tensões e estridências. Na mesma medida que a língua é um componente constitutivo das formas de sociabilidade e dos jogos das forças sociais, compondo configurações histórico-sociais de vida, trabalho e cultura, ela se revela constituída e constituinte das harmonias e desarmonias que conformam e transformam a sociedade.

"Cada época e cada grupo social têm seu repertório de formas de discurso na comunicação socio-ideológica. A cada grupo de formas pertencentes ao mesmo gênero, isto é, a cada forma de discurso social, corresponde um grupo de temas. Entre as formas de comunicação (por exemplo, relações entre colaboradores num contexto puramente técnico), a forma de enunciação ("respostas curtas" na "linguagem de negócios") e, enfim, o tema, existe uma unidade orgânica que nada poderia destruir. Eis por que a classificação das formas de enunciação deve apoiar-se sobre uma classificação das formas da comunicação verbal. Estas últimas são inteiramente determinadas pelas relações de produção e pela estrutura sociopolítica ... Todo signo, como sabemos, resulta de um consenso entre indivíduos socialmente organizados no decorrer de um processo de interação. Razão pela qual as formas do signo são condicionadas tanto pela organização social de tais indivíduos como pelas condições em que a interação acontece. Uma modificação destas formas ocasiona uma modificação do signo." <sup>14</sup>

---

<sup>13</sup> Italo Calvino, "A palavra escrita e não-escrita", em Marieta de Moraes Ferreira e Janaina Amado (orgs.), *Usos & abusos da história oral*, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 1996, pp. 139-147; cito da p. 143.

<sup>14</sup> Mikhail Bakhtin (Volochninov), *Marxismo e filosofia da linguagem*, trad. de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira, 2ª ed., Hucitec, São Paulo, 1981, pp. 43-44. Grifos do original.

Cabe lembrar que linguagem é pensamento. Ambos se formam, conformam e transformam simultânea e reciprocamente. Enquanto produto e condição do pensamento, a linguagem expressa a multiplicidade das relações, processos e estruturas que constituem a organização e a dinâmica da vida social, em todas as suas manifestações. Tudo o que diz respeito à sociedade está envolto e impregnado de cultura, sendo que a linguagem, enquanto componente essencial da cultura, taquigrafa, expressa, compreende, explica, exorciza ou sublima o turbilhão histórico-social em que estão imersos indivíduos e coletividades, grupos e classes sociais, nações e nacionalidades.

"A relação entre o pensamento e a palavra não é uma coisa mas um processo, um movimento contínuo de vaivém entre a palavra e o pensamento; nesse processo a relação entre o pensamento e a palavra sofre alterações que, também elas, podem ser consideradas como um desenvolvimento no sentido funcional. As palavras não se limitam a exprimir o pensamento: é por elas que este acede à existência. O pensamento e a palavra não são talhados no mesmo modelo: em certo sentido há mais diferenças do que semelhanças entre eles. A estrutura da linguagem não se limita a refletir como num espelho a estrutura do pensamento; é por isso que não se pode vestir o pensamento com palavras, como se de um ornamento se tratasse. O pensamento sofre muitas alterações ao transformar-se em fala. Não se limita a encontrar expressão na fala; encontra nela a sua realidade e a sua forma."<sup>15</sup>

São muitas as situações nas quais o pensamento precisa recriar ou romper as palavras guardadas no dicionário. Também são muitas as ocasiões em que o pensamento precisa criar novas palavras. Trata-se de expressar o insuspeitado ou surpreendente, do qual as palavras disponíveis não se deram conta. Há realidades, idéias, conceitos e fantasias que transbordam do arsenal de palavras com o que se formularam as narrativas conhecidas. São muitas as situações nas quais "a palavra pesada abafa a idéia leve".<sup>16</sup>

Esse é um dos segredos da grande narrativa, seja ela literária, científica ou filosófica. Inaugura outras e novas inflexões da linguagem, envolvendo semântica e sintaxe, figuras e figurações, de tal modo que a

realidade, a idéia, o conceito ou a fantasia possa revelar-se. Sim, esse é o paradoxo: enquanto não se expressa em palavra, o mundo está no limbo, revela-se uma nebulosa misteriosa; mas quando palavreado, articulado e significativo, esse mesmo mundo corre o risco de descobrir-se delimitado, prisioneiro ou significado.

Assim como tudo que é social, humano, histórico ou cultural, a língua é sempre viva e inquieta; parecendo estável, fixa, codificada e permanente, mas revelando-se inesperada, impertinente, sonora e estridente. A despeito de que indivíduos, grupos e classes, por si e por seus porta-vozes, se empenharem na estabilidade, permanência e cristalização, ela sempre se rebela, protesta e inova, já que outros indivíduos, grupos e classes, ou seus porta-vozes, se situam diferencialmente nas formas de sociabilidade e nos jogos das forças sociais. Por isso, em cada época, entendida como cada configuração histórico-social de vida e trabalho, modo de ser e cultura, a língua muda de tom e andamento, vivacidade e significação, colorido e tessitura.

Esse pode ser o contexto no qual a língua se constitui também e principalmente como uma concepção do mundo. É como se ela se revelasse um todo mais ou menos articulado, simultaneamente múltiplo, contraditório e significativo. A despeito das dissonâncias, atritos e ruídos que habitualmente povoam a língua, como toda e qualquer configuração histórico-social de vida e trabalho, modo de ser e cultura, ela se revela um todo articulado, significativo, em movimento. Um todo que tanto confere sentido às coisas, pessoas e idéias como adquire significado pela vivacidade que nela incutem coisas, as pessoas e as idéias; todos vistos em suas singularidades, nexos, tensões, movimentos e transfigurações.

"Cada língua constitui um certo modelo do universo, um sistema semiótico de compreensão do mundo. E, se temos 4.000 modos diversos de descrever o mundo, isto nos torna mais ricos."<sup>17</sup>

Outra vez, pode-se falar em pluralidade dos mundos. Seriam tantos os mundos quantas são as línguas, com suas peculiaridades, sensibilidades, coloridos e sonoridades. Mas algumas podem predominar, principalmente pelo modo como se situam nas formas de sociabilidade e nos jogos das forças sociais, tanto em âmbito nacional como mundial.

<sup>15</sup> Lev Semnovich Vygotsky, *Pensamento e linguagem*, trad. de M. Resende, Edições Antidoto, Lisboa, 1979, pp. 165-166.

<sup>16</sup> Olavo Bilac, *Poesias*, Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1977, p. 141. Citação do soneto "Inania verba".

<sup>17</sup> V. V. Ivanov, *Reconstructing the Past*, em "Intercom", University of California, Los Angeles, 1992, vol. 15, n. 1, pp.14. Cito por Umberto Eco, *La ricerca della lingua perfetta nella cultura europea*, Editori Latena, Roma-Bari, 1996, pp. 363-364.

No curso dos tempos modernos, as línguas dos conquistadores tornaram-se línguas mundiais, conforme as cartografias desenhadas pelo mercantilismo, colonialismo, imperialismo e globalismo. Esse o cenário geoistórico em que o inglês se torna uma espécie de idioma de todo o mundo, sobrepujando os outros, que também adquirem ressonância mundial, tais como o português, espanhol, holandês, francês, alemão, russo e japonês, entre outros. Desde a crescente hegemonia mundial do império britânico e a sua expansão e continuidade na hegemonia do império norte-americano, o inglês se torna a principal língua mundial no século XX. Aos poucos, torna-se presente e predominante no mundo dos negócios, da economia em geral, finanças, organizações multilaterais e corporações transnacionais. Além disso, torna-se presente e predominante nos meios de comunicação, desde as corporações da mídia em geral às tecnologias eletrônicas, informáticas e cibernéticas. O idioma dessas tecnologias tem sido o inglês, compreendendo a produção, distribuição, troca e consumo de mercadorias, serviços, notícias e fantasias de todo tipo. Simultaneamente, torna-se presente e predominante em livros e revistas, envolvendo assuntos científicos, filosóficos e artísticos, sem esquecer os fluxos das várias, sucessivas e simultâneas culturas de massa, em âmbito nacional e mundial. Nesse percurso, sem perder a conotação colonialista ou imperialista, crescentemente marcada pela hegemonia norte-americana em muitas partes do mundo, o inglês adquire todas as características de língua global. O que se desenvolve com o predomínio britânico em várias partes do mundo generaliza-se com o predomínio norte-americano em todo o mundo.

Vale a pena examinar um argumento recorrente em muitas discussões sobre língua e mundialização. Alguns autores argumentam que o inglês seria mais fácil que outras línguas, por suas características gramaticais, sintáticas ou outras.

"Se tivermos de ter uma língua natural universal, essa língua será o inglês e servirá tanto como língua cultural que como língua natural. ( ... ) O inglês é a língua hoje mais amplamente espalhada pelo mundo; e é a língua falada pelo maior número de povos ... importantes no mundo, pois como tais se devem considerar não só os Estados Unidos, mas também a União Sul-Africana, a Austrália, e, em certo modo, a Índia ... E é, finalmente, uma língua que não pesa aprender; não tem complexidades gramaticais, nem complicações sintáticas, e, salva a

relação entre a pronúncia e a escrita, não oferece oposição à mais tênue das capacidades de aprender. " <sup>18</sup>

"Existem provas abundantes de que o idioma inglês é considerado, pelos que falam outras línguas nativas na Ásia, África e Ibero-América, mais fácil de ser aprendido como segunda língua. Diferentemente do que ocorre com o cantonês, russo, espanhol, alemão ou francês (nessa ordem, línguas situadas na competição pela supremacia mundial), tem-se a impressão de que se pode chegar a ter certo domínio do inglês por meio da operação de unidades fonéticas, léxicas ou gramaticais menos numerosas ou mais simples que de outras línguas." <sup>19</sup>

Está em curso um vasto e complexo processo de transculturação lingüística, no âmbito de uma múltipla e intrincada transculturação de valores e ideais, instituições e práticas, explicações e fabulações. No mesmo curso da globalização do capitalismo, como modo de produção e processo civilizatório, tanto se globalizam instituições econômico-financeiras e jurídico-políticas como se globaliza o inglês como língua principal ou língua franca, de permeio com diferentes modulações desse idioma na Ásia, África, Américas e Europa. São modulações criadas e desenvolvidas com a transculturação em curso, quando também se modulam em novas entonações as outras, muitas e diferentes línguas. <sup>20</sup>

Subsistem as línguas nacionais. Inclusive elas se recriam, fortalecem ou mesmo se expandem. Sem esquecer que subsistem e reafirmam outras línguas mundiais, ainda que de alcance menor que o inglês. Além disso, os diversos setores da sociedade, em âmbito nacional e mundial, apropriam-se diferencialmente das línguas mundiais, em especial do inglês. Utilizam-se dessa língua para conhecer os outros e a si próprios, em termos de convergências e antagonismos, identidades e alteridades, diversidades e desigualdades, tensões e contradições. Seja nacional ou mundial, a língua pode ser uma "técnica" tanto de integração e

---

<sup>18</sup> Fernando Pessoa, *A língua portuguesa*, edição de Luisa Medeiros, Assírio & Alvim, Lisboa, 1997, pp. 117 e 146.

<sup>19</sup> George Steiner, *Después de Babel*, trad. de Adolfo Castañón, Fondo de Cultura Económica, México, 1980, pp. 540-541.

<sup>20</sup> Alastair Pennycook, *The Cultural Poitics of English as an International Language*, Longman, Londres, 1994; Robert Phillipson, *Linguistic Imperialism*, Oxford University Press, Oxford, 1992; Claude Truchot, *L'Anglais dans le monde contemporain*, Le Robert, Paris, 1990.

acomodação como de dominação e alienação; mas também de protesto e revolução.

"Sim, há palavras e palavras e palavras. As palavras podem exprimir servidão, as palavras podem gritar também revolta. Há palavras que implicam obediência mas também há palavras de protesto. Algumas palavras servem ao conformismo, outras exprimem ressentimento. Algumas palavras são utilizadas pelos fracos e pelos obedientes, outras por almas que se respeitam e são rebeldes." <sup>21</sup>

Ocorre que é no âmbito da língua que se articulam significativamente as formas e as possibilidades da consciência. As mais diversas expressões da consciência de indivíduos e coletividades, grupos e classes sociais, nações e nacionalidades, compreendendo identidades, alteridades, diversidades, desigualdades, tensões, acomodações e contradições de gênero, etnias, religiões e outras, sempre se constituem na linguagem. Tanto é assim que as linguagens de uns e outros, em âmbito nacional e mundial, se distinguem por alguns signos, símbolos e emblemas, ou figuras e figurações, a despeito de que todos possam estar utilizando a mesma língua. Essa surpreendente e fundamental dialética das consciências já se tornava evidente nos primeiros momentos dos tempos modernos, quando Calibã diz a Próspero: "Você me ensinou a sua língua e a minha vantagem é que agora sei como amaldiçoar." <sup>22</sup>

Sob muitos aspectos, a linguagem é sempre essencial, para o esclarecimento e o encantamento. Ao mesmo tempo em que taquigrafa a realidade e o imaginário, entrando decisivamente na constituição de ambos, propicia a compreensão, a explicação, o exorcismo e a sublimação. Aí nascem as teorias e as fantasias, povoando narrativas de todos os tipos, em diferentes épocas, em distintas culturas e civilizações. São muitas as narrativas literárias, filosóficas e de ciências sociais nas quais se expressam visões de mundo mais ou menos nítidas. Algumas são bastante originais, ao passo que há as que dialogam aberta ou implicitamente com outras, próximas e distantes. Existem até narrativas que se situam claramente em determinada linhagem, dando continuidade, retomando ou inovando, na direção que já se havia instituído antes. Mas cabe ressaltar as narrativas fundadoras, que

---

<sup>21</sup> Taslima Nasreen, "O opressor e os oprimidos", Chris Miller (coord.), A palavra dissidente, Diel, Miraflores, 1996, pp. 135-153; cito da p. 145.

<sup>22</sup> William Shakespeare, A tempestade (edição bilíngüe), Relume Dumará, Rio de Janeiro, 1991, p. 46, do original inglês.

inauguram uma visão de mundo nova, realmente desconhecida e surpreendente.

"Toda grande obra literária ou artística é expressão de uma visão do mundo, um fenômeno de consciência coletiva que alcança seu máximo de clareza conceitual ou sensível na consciência do pensador ou do poeta." <sup>23</sup>

"O fato é que cada escritor cria seus precursores. Seu labor modifica nossa concepção do passado, como há de modificar a do futuro." <sup>24</sup>

São muitas as utopias imaginadas ou recriadas em todo o mundo desde os inícios dos tempos modernos. Algumas são únicas e límpidas, ao passo que outras se combinam com nostalgias. E há mesmo as que se inclinam para a escatologia. São muitas as expressões utilizadas em narrativas literárias, científicas e filosóficas nas quais ressoam fabulações sobre o presente, o passado e o futuro: Novo Mundo, Índias Orientais, Índias Ocidentais, progresso, evolução, modernização, revolução, ocidentalismo, orientalismo, capitalismo, comunismo. Sintetizam reflexões, interpretações e fabulações sobre a realidade e o devir. São narrativas de todos os tipos, nas quais sempre se encontra a conotação utópica, se não simultaneamente nostálgica e escatológica. Sim, porque a utopia tende a exorcizar o presente, quando não o sataniza, seja recriando um passado idealizado, seja imaginando um futuro transparente.

Desde que se iniciaram os tempos modernos, quando se acentua e generaliza a convicção e a ilusão da historicidade das formas de sociabilidade, dos jogos das forças sociais ou das configurações histórico-sociais de vida, trabalho e cultura, desde essa época se criam e se recriam utopias narradas em linguagens da modernidade e da pós-modernidade. Parecem secularizadas, racionais ou mesmo científicas: liberdade, igualdade, fraternidade; governo do povo, pelo povo, para o

---

<sup>23</sup> Lucien Goldmann, Dialética e cultura, trad. de Luiz Fernando Cardoso, Carlos Nelson Coutinho e Giseh Vianna Konder, Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1967, p. 21. Consultar também: Wilhelm Dilthey, Teoria das concepções do mundo, trad. de Artur Morão, Edições 70, Lisboa, 1992; Karl Mannheim, Essays on the Sociology of Knowledge, Routledge & Kegan Paul, Londres, 1952, capo fi: "On me Interpretation of Weltanschauung".

<sup>24</sup> Jorge Luis Borges, Otras inquisiciones, Emecé Editores, Buenos Aires, 1960, p. 148; cito de "Kafka y sus precursores".

povo; democracia, cidadania, soberania, hegemonia; aldeia global, mundo sem fronteiras, sociedade informática, era digital, terra-pátria, fim da história. São figuras e figurações mágicas, por meio das quais se busca metaforicamente o reencantamento do mundo.

Este continua a ser o grande dilema que atravessa os tempos modernos: sair da incerteza, insegurança, pauperismo, alienação, medo, guerra, destruição, barbárie. A despeito das invenções da ciência e da técnica, da filosofia e da arte, das formas de sociabilidade e dos jogos das forças sociais, passando por democracia e tirania, nazi-fascismo e social-democracia, ou capitalismo e comunismo, reiteram-se as dissonâncias entre as palavras e as coisas, o pensamento e o pensado, o ser e o devir. Contínua e reiteradamente, o mundo parece recriar o caos babélico, ou naufragar na nebulosa primordial e seminal.

"Em que língua o livro do mundo está escrito? Na opinião de Galileu, na língua da matemática e da geometria, a língua da racionalidade e da exatidão absolutas. É assim que se deve ler o mundo atual? Quem sabe, talvez sim, mas somente no caso do muito distante: galáxias, quasares, supernovas. Quanto ao nosso mundo cotidiano, parece estar escrito mais num mosaico de línguas, como uma parede coberta de grafites, cheia de rabiscos sobrepostos, como um palimpsesto cujo pergaminho foi raspado e reescrito várias vezes, como uma colagem de Schwitter, uma combinação de alfabetos, citações heterogêneas, gírias e impressos de computador." <sup>25</sup>

Mais uma vez a língua reaparece como salvação. Desde que se dê nome ao caos, ou à nebulosa, tem-se a impressão de que se dá o primeiro passo para o esclarecimento, a compreensão, a explicação, a emancipação ou redenção.

"Só pela sensação gloriosa da criação lingüística pode o mundo sair do caos." <sup>26</sup>

A mesma língua que mimetiza e evade, taquigrafa e embaralha, exorciza e sublima, essa mesma língua pode participar da reinvenção do real e do imaginário, do possível e do impossível. Se é verdade que aquele que

nomeia simultaneamente delimita, classifica e domina, é também verdade que pode desnomear, alterar, transfigurar ou revolucionar o nome e a nomeada, a palavra e a coisa, o dito e a desdita.

"A linguagem é o arsenal da mente humana; e contém ao mesmo tempo os troféus do seu passado e as armas das suas futuras conquistas." <sup>27</sup>

---

<sup>25</sup> Italo Calvino, "A palavra escrita e a não-escrita", em: Marieta de Moraes

Ferreira e Janaina Amado (orgs.), *Usos & abusos da história oral*, cit., p. 145.

<sup>26</sup> Karl Kraus, "Pro domo et mundo", cito por Allan Janik e Stephan Toulmin, *A Viena de Wittgenstein*, trad. de Alvaro Cabral, Campus, Rio de Janeiro, 1991, p. 67.

---

<sup>27</sup> Samuel Taylor Coleridge, "Biographia literaria", cap. 16 em *Selected Poetry*

and *Prose of Coleridge*, org. Donald A. Stauffer, Random House, Nova York,

1951, pp. 276-7. Cit. por Edward W. Said, *Orientalismo (O Oriente como Invenção do Ocidente)*, trad. de Tomás Rosa Bueno, Companhia das Letras, São Paulo, 1990, p. 145.